

# Trama e território: o *fator humano* e o projeto do CINVA em Siloé, Cali (Bogotá, 1957)<sup>1</sup>

Beatriz Barsoumian de Carvalho<sup>2</sup>

## Resumo

Em 1957, o Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) promoveu, dentro de seu curso regular, um projeto no bairro de Siloé, na cidade de Cali. Dentro dos estudos desenvolvidos pela instituição colombiana, Siloé ocupa um lugar de destaque, inserindo-se em um contexto mais amplo de crescimento das cidades latino-americanas e do surgimento de assentamentos urbanos precários. O presente artigo toma como estudo de caso as atividades desenvolvidas em Siloé, focando-se no *fator humano* presente no projeto: tanto a trajetória dos profissionais participantes quanto a relação entre os técnicos e a comunidade durante o curso.

## Palavras-chave

Siloé; Assistência social; Fator humano.

## Weaving and Territory: The Human Factor and the CINVA Project in Siloé, Cali (Bogotá, 1957)

## Abstract

In 1957, the Inter-American Housing and Planning Center (CINVA) carried out a project in the neighborhood of Siloé, in the city of Cali, as part of its regular training program. Among the studies developed by the Colombian institution, Siloé holds a prominent position, framed within the context of the growth of Latin American cities and the emergence of precarious urban settlements. This article examines the case of the activities carried out in Siloé, focusing on the human dimension of the project: the trajectories of the participating professionals and the relationship between the technical team and the community during the course.

## Keywords

Siloé; Social work; Human factor.

Artigo recebido em junho de 2025

Artigo aceito em agosto de 2025



## Introdução

Em 1957, o *Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento* (CINVA) desenvolveu, no âmbito de seu Curso Regular de Vivenda, um projeto no bairro de Siloé, na cidade de Cali na Colômbia. Siloé, como será visto neste artigo, era uma área urbana de *tugúrios*, com casas precárias e sem infraestrutura ou saneamento básico. O termo espanhol *tugúrio*, presente em diversos relatórios do CINVA, pode ser traduzido para o português tanto como *favelas* quanto como *cortiços* e se refere, de qualquer maneira, a formas de assentamentos urbanos precários. O CINVA, tendo atuado de 1951 a 1972, insere-se como importante instituição do período, mobilizando profissionais de diferentes países da América Latina para pensar a questão do planejamento e da habitação urbana e rural no continente, inserido no momento de maior crescimento das cidades latino-americanas.

Adrián Gorelik, historiador argentino, define o intervalo entre 1950 e 1970, justamente, como período de “produção da cidade latino-americana”. Para o autor, ela se produziu como construção cultural. “Ela existiu enquanto houve vontade intelectual de construí-la como objeto de conhecimento e ação, enquanto houve teorias para pensá-la, e atores e instituições dispostos a tornar efetiva essa vocação” (Gorelik, 2005, p.114).

Se por um lado a definição de Gorelik joga luz em uma série de instituições, profissionais, projetos e eventos – dos quais o CINVA e o projeto de Siloé fazem parte –, por outro, a categoria explica a diversidade de cidades na América Latina no período. Nesse sentido, o debate em torno das diferentes terminologias que surgem para os assentamentos precários parece um caminho interessante: *tugúrios* na Colômbia, *favelas* no Brasil, *barriadas* no Peru, *villas miséria* na Argentina são alguns exemplos de nomenclaturas distintas para paisagens urbanas muito semelhantes.

Para além das proposições de Gorelik, de um ponto de vista metodológico, este artigo também se aproxima dos argumentos de Barbara

Weinstein acerca da história transnacional, adotando a ideia de “zonas de contato, isto é, os pontos não necessariamente físicos nem geográficos onde os encontros internacionais mais intensos aparecem” (Weinstein, 2013). Significa entender o debate em torno do planejamento e da habitação na América Latina por meio da atuação do CINVA e de seus projetos, que, no caso, seriam as “zonas de contato”.

Para este trabalho, tal contato se dá por meio do projeto de Siloé, tomado aqui como estudo de caso a ser debatido.

Existem muitas formas de se abordar e analisar um projeto e, especificamente neste artigo, a abordagem será por meio do *fator humano*: pelos profissionais que atuaram no projeto – principalmente as assistentes sociais – e pela mobilização da própria população. O termo, *fator humano* é um empréstimo presente no título da publicação do CINVA de 1957, “*El factor humano en los programas de rehabilitación de tugúrios*”, de autoria da assistente social brasileira Maria Josephino Albano, então professora na instituição colombiana e coordenadora do projeto de Siloé. Sua figura, assim como a das demais assistentes sociais envolvidas, revela-se central dentro do projeto, permitindo levantar a hipótese de que, tão caro quanto as atividades de melhoramento infraestrutural do bairro, era o projeto de desenvolvimento da comunidade pretendido durante o programa desenvolvido pelo CINVA.

Entrelaçando-se com a metodologia de Weinstein acerca da história transnacional, utiliza-se, para pensar este artigo, a metáfora de um bordado. Um ditado muito comum no mundo do bordado é que, para se identificar uma boa bordadeira, basta virar o seu verso e ver se segue o mesmo desenho do bordado visto de frente. Algumas exímias bordadeiras fazem isso com tamanha proeza que, muitas vezes, é impossível identificar o que é o bordado e qual o seu avesso. Não é o caso da autora deste artigo, que, além de pesquisadora, também borda e, de alguma forma, tenta entrelaçar estes dois ofícios: a maioria dos avessos dos bordados é um emaranhado de linhas que denunciam o caminho da agulha e se confunde com o desenho do bordado.





São linhas que vão de um ponto a outro, nós que se conectam e que registram a memória do próprio movimento da mão.

Sobre o grande tecido latino-americano da época, é possível imaginar a atuação do CINVA como um grande bordado: a instituição colombiana promove uma série de cursos de capacitação técnica, urbanos e rurais, por toda a América Latina. Olhar para o verso desses cursos guarda a grande riqueza: entrelaçam-se diversos profissionais de diferentes países da América Latina, que contribuem e disseminam as ideias e propostas desenvolvidas a partir da instituição. Enredam-se também variadas áreas do conhecimento, atuando conjuntamente arquitetos, assistentes sociais, engenheiros, médicos e advogados, que atendem a temática por meio de um prisma interdisciplinar e interamericano.

Toma-se como base elementar para este trabalho, além da já citada publicação de Albano, as seguintes documentações:<sup>3</sup> *“Siloé: el proceso de desarrollo comunal aplicado a un proyecto de rehabilitación urbana”* (relatório final do projeto desenvolvido pelo CINVA) e *“Los comités cívicos de mejoramiento como instrumento de desarrollo comunal en el barrio “Siloé”* (de autoria da assistente social peruana Rogelia Pinatte, aluna participante do projeto). Este último, que parece configurar-se como trabalho final entregue pela assistente social, ilustra bem a atuação dessas profissionais: para além de uma espécie de manual para a formação de *Comitês Cívicos*, o documento contém um diário de atuação de Pinatte, que, como uma agulha com linha, costura os diferentes agentes presentes no projeto: autoridades locais, engenheiros, assistentes sociais, líderes comunitários e moradores.

## O crescimento urbano na América Latina e a criação do CINVA

Maria Isaura Pereira de Queiroz, ao analisar o contexto brasileiro, corrobora que o êxodo do campo para a cidade foi sempre uma constante, operando de maneira “controlada” no período entre o Império e a Segunda Guerra Mundial, por meio de uma espécie de integração dos assentamentos precários à cidade “formal” (seja

pela melhoria da habitação, seja pela mudança do morador para uma habitação melhor).

A integração dos migrantes à cidade operava desde que encontravam um trabalho regular. O barraco miserável prosperava, transformando-se pouco a pouco numa casinha, as ruas acabavam sendo calçadas, um bairro popular nascia na cidade. A favela, o cortiço se deslocavam então para ressurgir um pouco mais adiante, condicionados sempre à chegada de outros migrantes. (Queiroz, 1978, p.214)

A mudança no ritmo migratório tem origem na crise econômica de 1929 -1930, que foi uma crise rural. O corte de trabalhadores do campo nas grandes fazendas<sup>4</sup>, aliado ao início da industrialização, promoveu um êxodo em ritmo incessante, não havendo tempo para a favela se transformar. O fenômeno não foi restrito ao Brasil, mas sim à grande parte dos países do chamado *Terceiro Mundo*. Gorelik também ressalta tal questão: não se tratava do surgimento da pobreza nas cidades, uma vez que ela sempre esteve presente, mas a estrutura das favelas pós década de 1950 escancarou o “dualismo estrutural por meio do qual a *cidade latino-americana* espelhava os abismos sociais e econômicos em que se dividiram as nações latino-americanas” (Gorelik, 2024, p. 80).

No Brasil, como aponta Valladares (1983), foi a partir da questão em torno das favelas que se começou a pensar de forma sistemática a questão habitacional. Entre as décadas de 1940 e 1950, foram criadas uma série de instituições, como o Instituto de Aposentadoria e Pensões, a Fundação Casa Popular e o Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal, o que evidencia a relevância do problema habitacional dentro de um quadro de políticas públicas e sociais do governo brasileiro (Bonduki; Khoury, 2010).

No contexto colombiano, iniciativa similar às instituições acima citadas foi a criação, em 1939, do Instituto de Crédito Territorial (ICT). Apesar de inicialmente ter como objetivo o fomento de habitações



higiênicas aos trabalhadores do campo, já em 1942 o ICT incluiu em seus projetos habitações populares urbanas, seguindo a tendência de crescimento das cidades colombianas<sup>5</sup> (Restrepo, 2003).

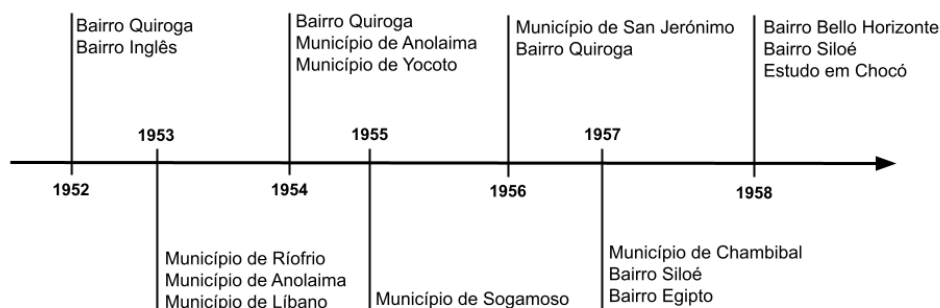
É nesse contexto que, em 1951, foi criado o *Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento* (CINVA). Seguindo as orientações do Programa de Cooperação Técnica da Organização dos Estados Americanos (OEA) – que tinha por objetivo a capacitação de profissionais para suprir a escassez técnica em relação a problemas de ordem socioeconômica nos países da América Latina –, o CINVA funda-se com a missão de habilitar profissionais de diferentes áreas nas temáticas envolvendo habitação e planejamento (Carvalho, 2021). Como descreve o economista chileno Jorge Videla, professor do CINVA, desde o início a instituição tinha por objetivo promover capacitação, investigação, intercâmbio científico e assessoria direta (CINVA, 1958a, p.4).

Esta última atividade era normalmente realizada em parceria com outras instituições, sendo diversos projetos desenvolvidos em colaboração com o próprio ICT, como é o caso do trabalho realizado no Bairro Quiroga, em 1952. Coordenado pelo arquiteto norte-americano Howard T. Fisher, também professor na instituição, Quiroga foi o primeiro projeto de grande envergadura com a participação do CINVA e buscava aliar a modernização técnica com o debate em torno da utilização de materiais e técnicas locais. Tal mote, que relacionava a modernização com o tradicional e o próprio conhecimento técnico com o conhecimento local, acompanhou os projetos da instituição ao longo dos anos seguintes, aliando-se o trabalho de uma ciência institucionalizada à ação junto com à comunidade.

Anualmente, o CINVA promovia o *Curso Regular de Vivenda* (CRV), que possuía duração de seis a dez meses e recebia profissionais de diferentes países da América Latina e de diferentes áreas do conhecimento. Aliavam-se no curso aulas teóricas e práticas, com pesquisas empíricas e ação propositiva junto às populações residentes nas áreas dos projetos.

A linha do tempo presente na Imagem 1 detalha os projetos realizados pelo CINVA na Colômbia até 1958. Na linha do tempo, misturam-se projetos urbanos e rurais, apesar de, muitas vezes, os métodos de ação utilizados em ambos os meios serem muito semelhantes. O bairro de Siloé, como pode ser visto, foi objeto do programa da instituição colombiana pela primeira vez em 1957 e, posteriormente, foi realizado um projeto de avaliação em 1958, já com novos alunos. As atividades debatidas neste artigo concentram-se principalmente nas realizações desenvolvidas em 1957.

**Imagem 1** - Linha do tempo com os Projetos do CINVA



Fonte: Dados retirados dos relatórios do CINVA presentes no Arquivo Central e Histórico da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), com sede em Bogotá. Elaboração da autora.

Elaboração: Autora

O quadro presente na imagem 2 a seguir, mostra os coordenadores do projeto de Siloé e a respectiva lista dos alunos participantes. Tal listagem é metonímica acerca do caráter interamericano e interdisciplinar das atividades e cursos do centro. Destaca-se, dentre as profissões presentes no curso, a assistência social; não só através da coordenação de Maria Josephino Albano, mas também por meio de outras cinco alunas (em destaque, realizado pela autora).



## Imagem 2 - Linha do tempo com os Projetos do CINVA

Siloé - 1957		
Diretor		
Alec S Bright	Reino Unido	arquiteto
Coordenador		
Maria Josephino Albano	Brasil	assistente social
Alunos		
Julio E. Escallón	Colômbia	advogado
Guillermo Bonfil	México	antropólogo
Jorge Figares	Uruguai	arquiteto
Eduardo Menéndez	Cuba	arquiteto
Susana Merino	Argentina	arquiteto
Maria Henriqueta Catite	Brasil	assistente social
Bertha Casas	Colômbia	assistente social
Zoila Otero	Colômbia	assistente social
Rogelia Pinatte	Peru	assistente social
Carmen Veronica Reyes	Venezuela	assistente social
René Salinas	Chile	economista
Louis Jadotte	Haiti	engenheiro

Fonte: Dados retirados do relatório final de Siloé (CINVA, 1958b). Arquivo Central e Histórico da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), com sede em Bogotá.

Elaboração da autora.

## Assistência Social: trajetórias da América Latina ao CINVA

“O objetivo [do documento] é discutir o princípio de que a família é objeto de qualquer programa de habitação e, por isso, o fator humano é de importância primordial” (Albano, 1957, p.2. tradução da autora). Assim, inicia-se a publicação de 1957 do CINVA, *El factor humano en los programas de rehabilitación de tugúrios*, escrita pela assistente social brasileira Maria Josephino Albano. Analisar tal documento é um caminho pertinente para compreender as ações do CINVA e o papel da assistência social na instituição.

Se por um lado o discurso pregado ainda carregava fortes traços do debate higienista que remontam ao início do século XX e a políticas, muitas vezes, repressivas em relação aos assentamento precários



urbanos, por outro, o documento ressalta a valorização dos *tugúrios* enquanto comunidade, mobilizando métodos de pesquisa e das ciências sociais para programas de melhoramento. “*É preciso que um programa educativo promova uma mudança de hábito na população e uma integração da mesma na comunidade com força produtiva e ativa na vida nacional*” (Albano., 1957, p. 4. tradução da autora).

O caráter de um projeto educativo é um mote constante no CINVA, e sua origem parece remeter aos programas rurais desenvolvidos pela instituição, que retomam experiências como as Missões de Educação Mexicanas, a Sociologia Rural norte-americana e ao Extensionismo e Programas de Crédito e Assistência Rural brasileiros. Tanto os cursos urbanos quanto os rurais do CINVA partilhavam propostas de autoajuda, ajuda mútua e cooperativismo para o melhoramento da vida na comunidade, tendo o técnico a função de um “*catalisador social*” (Montoya Pino; Aravecchia Botas; Ramírez Gomes; 2024; Gorelik, 2024).

Assim, no documento, destaca-se a importância de serviços comunitários, cartilhas, manuais, e clubes de cunho cultural, cívico e social – estimulados pelo próprio serviço social – para o desenvolvimento de um sentimento de comunidade. Albano refere-se à importância do que chamou de *Associação de vizinhos*. No projeto de Siloé, como será visto, a criação dos chamados *Comitês Cívicos* está no cerne da atividade desenvolvida. Em diversas outras iniciativas do CINVA, propostas semelhantes são criadas com nomes distintos, como o caso das *Juntas de Vizinhança* no projeto em San Jerónimo (1956), das *Juntas de Vizinhos do Patronato Escolar* e do *Clube Feminino* no projeto de Chambimbal (1957), ou das *Junta de Melhoras* no projeto de Bello Horizonte (1958).

A assistente social brasileira ainda descreve uma metodologia em etapas para um projeto de reabilitação: fase preparatória, fase de planejamento, fase de execução e fase de avaliação. Siloé é exemplo interessante por cumprir todas as etapas, já que, um ano depois, em 1958, foi realizado um projeto de continuidade das atividades iniciadas





no bairro para entender como se deu a manutenção dos trabalhos e propor novas frentes. Fica evidente que o processo de reabilitação se distingue do projeto de remoção das favelas, aproximando-se da ideia de urbanização delas, por meio do melhoramento e da implementação de infraestruturas e saneamento básico.

Tal princípio materializa-se não só nos projetos do CINVA, mas também em diversas outras ações na América Latina. Marco, nesse sentido, é o Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano, organizado pelo CINVA em 1958, que reuniu profissionais de diversos países latino-americanos para discutir uma metodologia de planejamento para as cidades latino-americanas naquele período. O relatório final do evento deu origem à *Carta dos Andes*, documento norteador à época e que incluía o tópico da renovação urbana não necessariamente atrelada a uma política de remoção (Aravecchia Botas, Carvalho, 2019). Albano ressalta o trabalho da Fundação Leão XIII nas favelas cariocas nesse sentido:

Quando a construção de novas casas não é possível para um futuro próximo é necessário procurar reabilitar os tugúrios como está se fazendo na Fundação Leão XIII no Rio de Janeiro. Esta Fundação tem promovido o saneamento dos tugurios com os recursos de seus habitantes auxiliados por grupos de limpeza urbana. Além disso, em cada tugúrio, se instala um forno crematório ou um sistema de enterrar os resíduos; se cria um grupo de conservação das ruas e estradas; se cria um posto de polícia e vigilância, se instala um depósito de água com pressão suficiente e capacidade líquida suficiente para atender a toda população do tugúrio por meio de torneiras e fontes, situadas em lugares estratégicos. Esse programa demonstra que o povo, quando está bem orientado, tem a capacidade para dirigir-se e resolver seus próprios problemas (Albano, 1957, p. 9, tradução da autora).

De fato, o contexto carioca parece ter grande ressonância no trabalho do CINVA, muito a partir da própria assistente social autora do documento. Maria Josephina Albano formou-se na primeira turma de

Serviço Social do Instituto de Educação Familiar e Social do Rio de Janeiro, segundo curso do gênero criado no país, em 1937. Em 1940, pleiteou e obteve uma bolsa de estudos para Serviço Social na New York School of Social Work, na Universidade de Columbia. De volta ao Brasil, trabalhou de 1943 a 1947 na Legião Brasileira de Assistência (LBA). Foi presidente da Associação Brasileira de Assistentes Sociais e chefe da Seção de Serviços Sociais do SESI (Serviço Social da Indústria). Sua trajetória cruza-se com o contexto latino americano quando, em 1952, é convidada para chefiar a Seção de Serviço Social da União Pan-Americana (antecessora da OEA), participando durante o período também como professora do CINVA (Gonçalves, Benmergui, 2022).

Para além da Fundação Leão XIII, a bibliografia do documento menciona o trabalho da Cruzada São Sebastião, também no Rio de Janeiro, e outros dois documentos provenientes de estudos na então capital brasileira: *Uma experiência de trabalho num centro social*, trabalho de conclusão de curso de Nair Cruz de Oliveira; e *Sugestões para um programa de trabalho comunal num conjunto residencial de ex-favelados*, autoria de vários autores, dentre eles, a própria Albano.

Valladares (1983) afirma que é por meio da Igreja que se propõe, pela primeira vez, a alternativa de urbanização das favelas. A Fundação Leão XIII, fundada em 1947, tinha por objetivo assegurar assistência moral e material aos moradores, indo na esteira também de uma ação estatal de controle e de combate à ameaça comunista. De qualquer forma, a Fundação insere-se na nova perspectiva que “abandona a atitude repressiva e a condenação moral para pregar a educação social e a integração” (Valladares, 2005,p.76). Com o intenso trabalho das profissionais ligadas à assistência social, a fundação atuou em mais de 30 favelas até 1954. Em 1955, Dom Helder Câmara funda a Cruzada São Sebastião, que tinha por objetivo, segundo seu estatuto, “promover, coordenar e executar medidas e providências destinadas a dar solução racional, humana e cristã ao problema das favelas no Rio de Janeiro” (Valladares, 2005, p.77





*apud* Parisse, 1969, p.175–176). Para Valladares (2005, p. 77), apesar de partilharem o cunho cristão, ambas as entidades atuavam de modo distinto: enquanto a Fundação promoveu a assistência moral e material, com a criação de centros de ação social em diferentes favelas, a Cruzada promoveu a construção de novas moradias e de equipamentos de infraestrutura, aproximando-se do que posteriormente foi denominado de urbanização de favelas.

Analisando as propostas defendidas na documentação do CINVA e o próprio projeto de Siloé, é possível notar que ambas as formas de ação ressoam na instituição colombiana. Como já dito, a assistência moral e comunitária era colocada em mesmo peso que a própria melhoria infraestrutural. De certa forma, a segunda ação tinha certa interdependência com a primeira, com o projeto comunal em torno do *fator humano* necessário para a efetiva melhoria material do bairro: “Projetos planejados tecnicamente, mas sem nenhuma atenção às necessidades de seus habitantes em pouco tempo transforma-se em novos tugúrios” (Albano, 1957, p. 4, tradução da autora).

Vale ressaltar que, no mesmo período era desenvolvido o primeiro grande estudo acerca das favelas cariocas pela Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS), instituição brasileira fundada pelo padre dominicano Louis Joseph Lebreton em 1947. A obra *Aspectos humanos da Favela Carioca* trouxe para esse ambiente a metodologia do Movimento Economia e Humanismo (MEH) de Lebreton, personagem que, durante o período, teve intenso trânsito pela América Latina (Pontual, 2016). CINVA e MEH aproximam-se a partir de uma metodologia interdisciplinar e do estudo empírico, tendo a SAGMACS enviado dois profissionais para o já mencionado Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano, realizado em 1958 (Aravecchia Botas, Carvalho, 2019).

Outras referências da ação social na publicação de Albano são as atividades da Fundação Vivendas de Emergência no Chile, o Fundo Nacional de Saúde e Bem-Estar Social no Peru, e o Banco Obrero e a reurba-

nização de “El Silencio” na Venezuela. Por fim, estão presentes também uma série de referências norte-americanas acerca da assistência social, fruto não só da conexão de Albano com o contexto estadunidense, mas também da agência da OEA sobre as publicações do CINVA.

Destaca-se, nesse sentido, a professora Caroline Ware, e seu trabalho *“El servicio social y la vivienda”*, cuja trajetória associada ao movimento do New Deal e ao reformismo regionalista e moralizador nos EUA. Gorelik (2024, p.139) destaca seu papel como “agente ativador dos novos papéis de técnico comprometido que iria unir-se na ideia de self-help através da noção crucial de ‘ação comunitária’”. Ware iniciou sua incursão na América Latina por meio de uma série de conferências realizadas em 1945, na Universidade de Rio Piedras, em Porto Rico. Em 1948, foi convocada para uma missão na Venezuela para auxiliar, por meio de cooperação técnica, em uma série de reformas financiadas pela Fundação Rockefeller. Aproximou-se do CINVA a partir de 1951, com seu ingresso na União Pan-americana, contribuindo com o trabalho da instituição acerca da formação comunitária.

Ware e Albano são exemplos de profissionais de intenso trânsito pelo continente, que costuram suas trajetórias promovendo um dinâmico intercâmbio de ideias a partir de diferentes instituições, projetos e eventos. Retomando o quadro apresentado na imagem 2, observa-se o mesmo mecanismo ocorrendo no projeto do CINVA, que aproximou profissionais de diferentes países, os quais, na maioria dos casos, retornavam para suas nações de origem para atuação em nível nacional após ao curso.

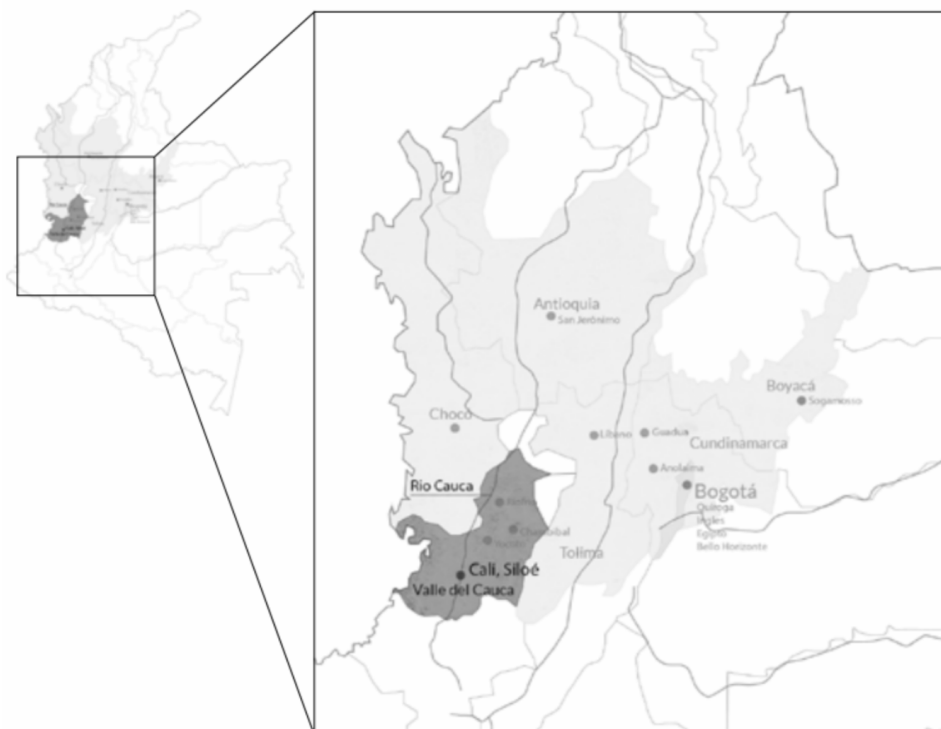
Ao introduzir ainda uma camada de gênero, é possível notar que as mulheres chegavam ao curso do CINVA, principalmente por meio da assistência social. Apenas na década de 1960 intensificou-se mais a presença feminina a partir da figura de arquitetas. Apesar disso, tais assistentes sociais mobilizavam de forma ativa questões acerca do planejamento, da habitação e da comunidade<sup>6</sup>.



## O projeto de Siloé

Siloé é um bairro localizado na cidade de Cali, ao sul de Bogotá, como pode ser visto no mapa da Imagem 3. O crescimento do bairro deveu-se à junção de dois fatores: por um lado, a exploração de minas de carvão e o desenvolvimento industrial atraíram populações para a cidade de Cali; por outro, as baixas condições de vida, impulsionadas pela violência no campo, promoveram um intenso êxodo rural. Em termos demográficos, aponta-se uma população total de aproximadamente 20.000 habitantes, com densidade de 4.460 habitantes por km<sup>2</sup> (CINVA, 1958b).

**Imagem 3 e 4** – Mapa e foto da região de Cali onde situa-se o bairro de Siloé





Fonte: Elaborado pela autora, com base em CINVA (1958b) e Google Earth (2024).

O relatório descreve o cenário habitacional em Siloé da seguinte maneira:

A vivenda em Siloé se obtém por meio de melhorias, arrendando-a ou construindo-a. O resultado é uma construção precária, instável, com má proteção ao ambiente físico, espaços reduzidos, falta de classificação de funções, saneamento, insuficiência ou total ausência de serviços. ” (CINVA, 1958b, p.17, tradução da autora).

No estudo, realizou-se uma análise das “Funções da Vivenda”<sup>7</sup>, divididas em primárias (abrigo, alojamento, subsistência e higiene, intimidade) e secundárias (recreativa, laboral, estética e educativa). Foram levantadas também as instituições que promovem vínculos entre os membros da comunidade, como o apadrinhamento, a escola, a Igreja





, os comércios, o cinema, o clube de futebol e bares de bilhar. O relatório ressalta um laço específico gerado pela falta de abastecimento de água na região:

A falta de água provoca o deslocamento das mulheres para este fim, muitas vezes acompanhadas de seus filhos, que vão até o rio Cañaveraleja, a 5km de Siloé. O local é centro obrigatório de conversas e intercâmbios domésticos, observando-se no lugar agrupamentos formados com base nos vizinhos e apadrinhamentos. (CINVA, 1958b, p. 9, tradução da autora.)

Em relação ao problema, já existia a chamada “Sociedade da Água”, que tinha como objetivo a construção de um aqueduto. O grupo contava com 400 famílias, que trabalhavam no projeto em dias livres, domingos e feriados. Tal sociedade estava vinculada à Junta de Fomento e Melhorias de Siloé, fundada em 1946.

Ao todo, foram visitadas 151 casas ocupadas por 179 famílias, abrangendo um total de 1021 pessoas no projeto. Dentre os objetivos, estavam: o estudo de mudanças físicas, sociais e econômicas necessárias para a melhoria de áreas de tugúrios; a capacitação interprofissional em um projeto de renovação urbana; a prestação de assessoria técnica ao bairro de Siloé e às autoridades de Cali por meio do estudo; e a preparação de um documento técnico que serviria de informação para outros estudos similares no continente. (CINVA, 1957, p. 3)

Seguindo a metodologia já enunciada por Albano, o projeto – que durou dez semanas – dividiu-se em quatro etapas: preparação da área do projeto (por meio do contato com instituições locais e líderes comunitários, além de reuniões com a população); investigação socioeconômica (a partir de um formulário e da seleção de um setor de 5% da população total do bairro); análise e programação; e ação. (Cinva, 1958b)

Nos anexos do relatório final do curso, é possível acessar uma das atas da reunião de técnicos junto aos moradores de um dos setores do bairro. Entendendo todo material primário de pesquisa também como uma construção gerada por um determinado momento histórico e por



intermédio da ação humana (Saviani, 2007), a ata talvez seja o material – junto com os diários – no qual tal relação se revela de maneira mais crua. O *fator humano* é o cerne de tal documento: o registro de uma reunião a partir da visão de um redator presente no momento, o que adiciona, em certo sentido, mais uma camada ao material.

A ata em questão refere-se à terceira reunião, realizada na casa do morador Adolfo Castro, onde estavam presentes, além dos técnicos, oitenta e duas pessoas. Os objetivos da reunião eram a apresentação, por nome, profissão e nacionalidade, dos membros do CINVA, que explicaram os objetivos do projeto. O evento também serviu como um momento de escuta e de criação de um vínculo de confiança entre os moradores e os técnicos. Destaca-se que, em vários momentos, foram levantadas problemáticas pessoais, e os moradores eram lembrados dos objetivos e do caráter comunitário do projeto. Dentre as conclusões, estão a desconfiança da comunidade em relação às autoridades locais e, principalmente, o problema do abastecimento de água, que acabava por afetar outros setores, como a diminuição do tempo escolar e a falta de atendimentos médicos.. A questão da falta de coleta do lixo também foi apontada. Como exemplo, apresenta-se o seguinte trecho:

“Nesse ponto da reunião existia um ambiente de confiança e incentivada por outras senhoras, se levantou a Sr<sup>a</sup> Lucila de Garcés que começou dizendo ‘Mesmo que seja só para aproveitar a oportunidade para desabafar, eu vou falar. Considero o problema do lixo grave porque os vizinhos de cima jogam seu lixo que cai nos quintais abaixo e se não, jogam no barranco. Já pedimos ao Município que coloque uma placa que diga “Proibido jogar lixo” mas nem isso, em todos os casos os mais pobres são os menos favorecidos.” (CINVA, 1958b, anexos, tradução da autora.)

Sobre a senhora Lucila de Garcés, comenta-se ao final da ata sobre sua inclinação à liderança. Ao todo, foram realizadas 23 reuniões em diferentes setores de Siloé. A partir do levantamento inicial no





bairro, uma série de problemas foi listada, separando-os em questões identificadas pela própria comunidade, pelas autoridades e pelo estudo realizado pelos alunos do CINVA. Cruzando tais listagens, alguns problemas foram marcados com necessidade de solução urgente: falta de tratamento de água, de sistema de esgoto, de vias transitáveis e de coleta de lixo; falta de unidade e senso de comunidade entre os moradores; ilegalidade na posse da terra; erosão da terra; falta de serviços comunitários; déficit habitacional qualitativo e quantitativo; e baixo nível de renda e saúde (CINVA, 1958b, p.30). O projeto em torno do desenvolvimento da comunidade foi a espinha dorsal das atividades realizadas no projeto de Siloé, articulando inclusive a organização do próprio relatório.

**Imagens 5 e 6** - Reunião com os vizinhos e chamamento da população com o uso de megafone. Ao centro da primeira foto, a assistente social Maria Josephino Albano.





Fonte: Fotos relatório final de Siloé (CINVA, 1958b). Arquivo Central e Histórico da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), com sede em Bogotá.

No primeiro tópico do mesmo intitulado *“Como se estudou a comunidade e procurou despertar no grupo um desejo de conhecer seus problemas”*, os técnicos buscaram aproximar-se da população, por meio de reuniões, entrevistas, elementos audiovisuais e demonstrações. Foram realizados testes com maquinaria CINVA-Ram para demonstrar as vantagens do solo-cimento. Desenvolvido pelo engenheiro chileno Raul Ramirez, a máquina prometia a racionalização da produção de blocos, podendo ser operada por uma única pessoa. A CINVA-RAM é talvez o objeto da instituição colombiana mais difundido pela América Latina, levando consigo o discurso modernizador do CINVA, e da base do melhoramento da casa promovido pelo próprio morador.

No segundo tópico intitulado *“Como ajudou-se a comunidade a confiar em si mesma, nas autoridades e no projeto”* foram organizadas reuniões com as autoridades municipais e iniciou-se o projeto de

melhoramento da Rua 22 por ajuda mútua, com materiais e maquinaria fornecidos pela Secretaria de Obras Públicas.

“Essa via deveria ser típica em relação aos problemas com essa classificação em Siloé, de modo que sendo melhorada beneficiaria um grande número de pessoas e seria observada por muitos durante o percurso diário” (CINVA, 1958b, p. 28, tradução da autora).

Ao final do projeto, a Rua 22 foi rebatizada como Avenida CINVA. A experimentação e a adoção de um projeto modelo dentro dos programas do CINVA eram recorrentes e, nesse momento, técnicos e moradores participavam de forma ativa. No âmbito rural, por exemplo, era comum a construção de uma casa experimental em local estratégico que pudesse servir de modelo para a população (Carvalho, 2021). O melhoramento da Rua 22 parece ter seguido o mesmo princípio.

No terceiro tópico *“Como ajudou-se a comunidade a organizar-se e resolver seus próprios problemas”* foi incentivada a formação de *Comitês Cívicos* para despertar nos moradores a ideia de formação e representações formais na comunidade. “[...] foi sempre preocupação primordial do projeto desenvolver o espírito de cooperação em Siloé” (CINVA, 1958b, p. 31, tradução da autora). A formação de um *Comitê Cívico* modelo em torno da Rua 22 tinha por objetivo organizar e garantir o melhoramento da região, além de sua posterior conservação. Incentivou-se a criação de outros comitês em torno de outras ruas do bairro.

**Imagens 7 e 8** - Rua 22 depois de um mês de projeto e cartaz de chamamento divulgado para a população.



SILOE PUEDE MEJORAR CON  
LA COOPERACION DE TODOS!



QUE HACES TU POR SILOE?

Fonte: Fotos relatório final de Siloé (CINVA, 1958b). Arquivo Central e Histórico da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), com sede em Bogotá.





O último tópico “*Como procurou assegurar-se a continuidade do programa*”, focou em um balanço que buscava não só demonstrar o êxito do projeto à população e às autoridades, como também estimular a continuação e ampliação do mesmo a partir dos comitês e da participação de assistentes sociais do município que se engajaram do projeto.

“A comunidade com o estímulo e direção reagiu no sentido de encarar a solução de alguns de seus problemas. O maior benefício deste projeto estabeleceu-se no fato de haver promovido na população confiança em si mesmos, em sua capacidade e no poder que emerge do trabalho em comum” (CINVA., 1958b, p. 32, tradução da autora).

A importância da assistência social dentro dos projetos de desenvolvimento comunal, e especificamente do programa realizado em Siloé, foi tema estudado de forma minuciosa por Rogelia Pinatte, assistente social peruana e uma das alunas que participaram do projeto. Em seu trabalho, “*Los cómites cívicos de mejoramiento como instrumentos de desarrollo comunal en el barrio ‘Siloé’*”, Pinatte descreve o dia a dia da formação dos demais Comitês Cívicos, costurando todas as ações desenvolvidas.

Ela elabora uma espécie de estatuto para a organização dos comitês, descrevendo sua finalidade, atividades e regras de eleição e conduta. Segundo a assistente social, os comitês serviam para estimular e coordenar o melhoramento do nível de vida dos moradores, priorizando o interesse coletivo e sobre o particular (Pinatte, 1957, p.17).

O documento continha também uma espécie de diário de atividades desenvolvidas pela assistente social, como visitas a comitês, a áreas de projetos de melhoramento e reuniões de alinhamento com autoridades. Incluía também uma série de cartas, que remontam a formação dos comitês. Assim como as atas, as cartas possuem um caráter pessoal, mesmo quando endereçadas de forma institucional. O documento de Pinatte revela que, para além do *Comité Cívico* criado

em torno da rua 22 – nomeado Comitê Cívico Centro Interamericano, também foram criadas outras organizações semelhantes: *Comitê Cívico Brasil*, *Comitê Cívico Colômbia*, *Comitê Cívico Cuba*, *Comitê Cívico Venezuela*, *Comitê Cívico Haiti*, *Comitê Cívico Rua 21*, *Comitê Cívico Centro Siloé*, *Comitê Cívico Peru*.

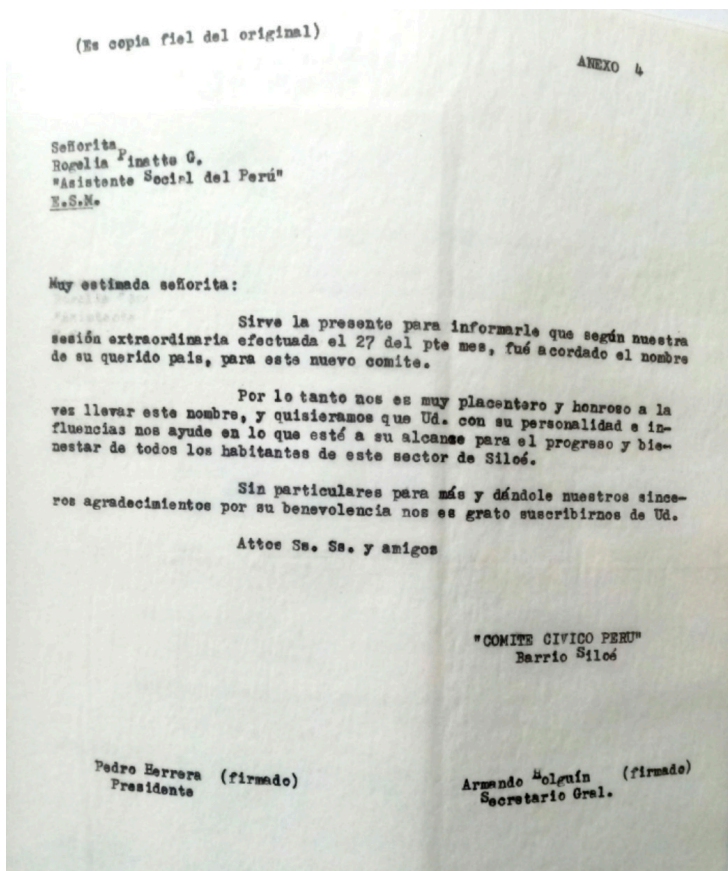
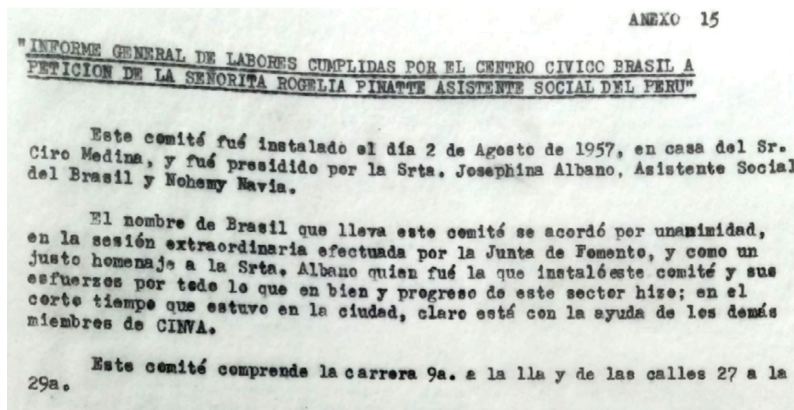
O fato de serem batizados com nomes de países latinoamericanos por si só seria simbólico, mas ganha ainda mais potência com a descoberta do motivo dessas escolhas: uma iniciativa dos próprios membros dos *Comitês Cívicos* para homenagear as assistentes sociais envolvidas no projeto, como mostra as cartas presentes nas Imagens 9 e 10. Assim, o nome *Comitê Cívico Brasil*, por exemplo, foi uma homenagem a assistente social Maria Josephino Albano, e o *Comitê Cívico Peru*, à própria Pinatte.

No ano de 1958, uma nova equipe do CINVA retornou a Siloé para avaliar a continuidade do trabalho. Com uma equipe reduzida, o projeto teve envergadura muito menor do que o realizado um ano antes, mas abriu a possibilidade de uma etapa de balanço do trabalho – avaliação presente inclusive na metodologia apresentada por Albano em sua publicação.

Em relação a Rua 22 (ou Avenida CINVA), o projeto teve continuidade mesmo após a partida dos técnicos, chegando quase à sua totalidade. Os *Comitês Cívicos* também seguiram realizando melhorias em seus respectivos setores, apesar do relatório assinalar também relatos de falta de materiais e baixo envolvimento da população em alguns casos. É interessante como o documento também destaca a melhoria nas casas, mesmo que um programa de melhoria das habitações não tenha sido o foco principal do projeto em 1957 (CINVA, 1958b).



**Imagens 9 e 10** - Cartas presentes nos anexos do documento de Rogelia Pinatte.



Fonte: Fotos relatório final de Siloé (CINVA, 1958b). Arquivo Central e Histórico da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), com sede em Bogotá.



## Considerações Finais

O presente artigo, mesmo de maneira introdutória, buscou retomar a experiência do projeto de Siloé, focando-se na relação entre os técnicos – em especial as assistentes sociais – e a comunidade. Intentou-se investigar as vertentes da ação social no próprio CINVA, e as gêneses de ideias que chegaram à instituição: para além da experiência norte-americana, que atravessa em diversos aspectos toda a atuação do CINVA, a ação nas favelas cariocas no período parece ter importante ressonância nos projetos desenvolvidos.

Por meio de um prisma transnacional, é possível questionar a dimensão meramente imperialista da iniciativa do CINVA, vinculado a um período de intensa cooperação técnica entre EUA e América Latina por meio do Programa de Cooperação Técnica da OEA. Sem negar tal dimensão, com sede em Bogotá e recebendo profissionais de diferentes países latino-americanos, a instituição pareceu promover, apesar dessa dicotomia, um olhar profundo sobre as questões que atravessavam a cidade e o planejamento da América Latina.

Pensar a partir do trânsito de profissionais pelo continente é um caminho promissor. Se por um lado temos o caso de Maria Josephina Albano, assistente social brasileira de formação pioneira no Brasil, com especialização nos EUA e que atua no CINVA; por outro, chega à mesma instituição Caroline Ware, que, apesar de formação no contexto norte-americano, tem contato intenso com questões dos países latino-americanos por meio de suas experiências em Porto Rico e Venezuela. Retomando a metáfora do bordado: o “avesso” da atuação do CINVA revela um intenso trânsito de profissionais e ideias que percorrem o continente e se cruzam nos “nós” ou em “zonas de contato”, que são a instituição e sua atuação.

Ainda na metáfora do bordado, é possível pensar o próprio curso de Siloé sob essa perspectiva. pode-se obter uma análise muito mais completa do projeto através do *fator humano*: da relação entre técnico e comunidade, que não só aparece de maneira crua em atas de



reunião, cartas ou diários de atividades de Rogelia Pinatte, mas no próprio relatório final, que coloca essa relação como central no projeto. O contato com a comunidade já é apontado por Albano em sua publicação, que, por sua vez, faz referência à atuação da Fundação Leão XIII e da Cruzada São Sebastião nas favelas cariocas.

Siloé, dentro da atuação do CINVA, foi um projeto pioneiro de pesquisa para renovação urbana, sendo a metodologia utilizada no curso replicada no ano seguinte para o bairro de Bello Horizonte em Bogotá. É possível ainda traçar paralelos com diversas pesquisas e iniciativas desenvolvidas no âmbito latino-americano, como a mencionada pesquisa da SAGMACS realizada sobre as favelas cariocas no mesmo período.

O cenário apresentado neste artigo é apenas uma parte da trama. Durante duas décadas, o CINVA promoveu uma série de cursos, assessorias de projetos e eventos por toda a América Latina, movimentando uma série de profissionais e temáticas por todo o continente. O desafio é continuar puxando as linhas.

## Bibliografia

ALBANO, Maria Josephina Rabelo. **El factor humano en los programas de rehabilitación de tugurios**. Bogotá: Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, 1957.

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina; CARVALHO, Beatriz Barsoumian. Correspondências entre o Brasil e o CINVA: o Seminário de Funcionários e Técnicos em Planejamento Urbano e a Carta dos Andes. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA URBANA, 2., 2019, Cidade do México. **Anais [...]**. Cidade do México: Associação Ibero-Americana de História Urbana, 2019. p. 1995–2005. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/ciec/pf-ciec/public-files/congresso/subpg/941/anais\\_iicihu\\_2019.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/ciec/pf-ciec/public-files/congresso/subpg/941/anais_iicihu_2019.pdf). Acesso em: junho de 2025.

BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. Das reformas de base ao BNH: as propostas do Seminário de Habitação e Reforma Urbana. **Arquitextos**, São Paulo, ano 10, n. 120.02, maio 2010. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3432>. Acesso em: junho de 2025.

CARVALHO, Beatriz Barsoumian. **Casa rural e planejamento na América Latina: o curso do CINVA em Viçosa/MG, 1958**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CENTRO INTERAMERICANO DE VIVENDA Y PLANEAMIENTO (CINVA). *Informes finales 1958*. Washington: União Pan-Americana, 1958a.

CENTRO INTERAMERICANO DE VIVENDA Y PLANEAMIENTO (CINVA). *Siloé: el proceso de desarrollo comunal aplicado a un proyecto de rehabilitación urbana*. Bogotá: Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, 1958b.

GONÇALVES, Rafael Soares; BENMERGUI, Leandro. Maria Josephina Rabello Albano: uma assistente social transnacional. **O Social em Questão**, ano XXV, n. 54, set.–dez. 2022.

GORELIK, Adrián. **A cidade latino-americana: uma figura do imaginário social do século XX**. Tradução de José Carlos Huapaya Espinoza. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2024.

GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latino-americana”. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 1, 2005.

MONTOYA PINO, Ana Patrícia; ARAVECCHIA BOTAS, Nilce; RAMÍREZ NIETO, Jorge Vicente. Vivienda y desarrollo en el CINVA: la planificación integral en términos latinoamericanos. In: MONTOYA PINO, Ana Patrícia; ARAVECCHIA BOTAS, Nilce; RAMÍREZ NIETO, Jorge Vicente (org.). **CINVA: un proyecto latinoamericano, 1951–1972**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2024.

PARISSE, Lucien. **Favelas do Rio de Janeiro : evolução – sentido**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais (CENPHA), 1969. Série Caderno do CENPHA nº 5.

PINATTE, Rogelia. **Los comités cívicos de mejoramiento como instrumentos de desarrollo comunal en el barrio “Siloé”**. Bogotá: Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, 1957.

PONTUAL, Virgínia. **Louis Joseph Lebreton na América Latina: um exitoso laboratório de experiências em planejamento humanista**. Rio de Janeiro: Letra Capital; Editora UFPE, 2016.

QUEIROZ, **Maria Isaura Pereira de. Cultura, sociedade rural e sociedade urbana no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

RESTREPO, Luis Fernando Acebebo. El Cinva y su entorno espacial y político. **Mimesis**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 59–89, 2003.



SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. **Repensando a habitação no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica ANPHLAC**, n. 14, p. 9–36, jan./jun. 2013.

## Notas

- 1 Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2023/14745–0).
- 2 Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo (FAUUSP) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4438-4275>. E-mail: [beatriz.barsoumian.carvalho@usp.br](mailto:beatriz.barsoumian.carvalho@usp.br)
- 3 As documentações utilizadas neste artigo são provenientes do FondoCINVA, presente no Arquivo Central e Histórico da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), com sede em Bogotá.
- 4 Queiroz (1978) aponta também no período para o aparecimento de “favelas rurais”, identificadas no estudo realizado pela SAGMACS em 1958, Necessidades e Possibilidades dos estados do Rio Grande do Sul. O fenômeno é resultado do corte de mão de obra iniciado na década de 1930, com o aparecimento de uma nova categoria de trabalhadores rurais, os chamados volantes.
- 5 Vale ressaltar que no período, apesar do grande crescimento das cidades latino-americanas, a maior parte dos países ainda possuía majoritariamente suas populações no campo, como é o caso do Brasil e da Colômbia. O problema da fixação do camponês nas áreas rurais e a perspectiva de um planejamento regional estava presente em diversas instituições e projetos no período, incluindo o próprio CINVA.
- 6 O Curso Regional de Vivenda Rural, realizado pelo CINVA em Viçosa em 1958, é exemplo já estudado do importante papel feminino em um projeto da instituição. Economistas domésticas – profissão próxima à assistência social – envolveram-se de maneira ativa nas discussões em torno do melhoramento das casas, não só em termos espaciais, mas na modernização de técnicas construtivas. Cf. Carvalho (2021).
- 7 O estudo a partir das Funções da Vivenda como descrito é comumente utilizado nos estudos do CINVA, tanto em áreas urbanas quanto rurais.